

**OLGA DE SÀ,  
UMA PEREGRINA PELO  
VALE**

José Cláudio Mota da Costa.  
Graduação em Letras – Inglês,  
Pós-graduação em Língua Portuguesa e  
Literatura.



**Resumo:** Este artigo trata da trajetória intelectual de irmã Olga de Sá e sua contribuição para o desenvolvimento cultural do Vale do Paraíba.

**Palavras chaves:** Olga de Sá; Literatura-Olga de Sá; Vale do Paraíba-Cultura-Olga de Sá;

**Abstract:** This article deals with the intellectual trajectory of Sister Olga de Sá and her contribution to the cultural development of the Paraíba Valley.

**Keywords:** Olga de Sá; Literature-Olga de Sá; Paraíba Valley-Culture-Olga de Sá

Ao ser convidado a tecer algumas considerações sobre a obra de Olga de Sá, devido à amplitude de seu trabalho, optamos abordá-la sob três aspectos, não sendo estes únicos, mas sim aqueles que julgamos ser os mais oportunos, no momento.

A princípio, além de breve biografia, discorreremos sobre a fase poética e as contribuições incisivas para a literatura, constituídas, principalmente, na relação crítica com a obra de Clarice Lispector; contribuições na área de pesquisas e para a cultura do Vale do Paraíba; e, posteriormente, buscaremos mostrar a educadora, exercendo o papel de professora e mentora de projetos, a preocupação com a formação acadêmica dos alunos, assim como o desafio de tornar o ambiente educativo espaço agregador, com ferramentas culturais, tecnológicas e sociais. Finalizamos o presente artigo, apresentando a Irmã Olga de Sá que, além de dedicar a vida à cultura em geral, preconiza a formação espiritual, ao criar núcleos de estudos, que possibilitam o aprofundamento da comunidade educativa.

### **Uma breve biografia**

Olga de Sá nasceu em Iepê, cidade do interior paulista, cujo nome significa liberdade. A escritora possui graduação em Letras Clássicas pelo Instituto Sedes Sapientiae, 1954; é bacharel e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1950; bacharel em Biblioteconomia - Faculdades Integradas Coração de Jesus-Santo André - SP, 1978; graduação em Scienze Religiose - Istituto Internaz. Superiore di Pedagogia e Scienze Religiose delle FMA, 1960; mestrado em Teoria Literária pela PUC-São Paulo, 1975; doutorado em Comunicação e Semiótica PUC- São Paulo, 1984, e pós-graduação em Psicologia pela PUC-São Paulo, 1986. Atualmente, é vice-diretora geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, de Lorena, São Paulo.

A Inquietação pelo desejo de uma educação de qualidade, que alcançasse a população menos favorecida, e pela vida religiosa fizeram com que Olga de Sá se encontrasse com as Filhas de Maria Auxiliadora – FMA, em 1948, descobrindo, na Congregação Salesiana, o caminho ideal para unir a vocação e o carisma educacional nascente que se transformou em percurso caudaloso de obras, viés necessário para se criar um espaço educativo, que visa, além da formação para a cidadania, à transcendência que respeita a pluralidade religiosa e política dos educandos, concretizado, a partir de 1954, com a fundação do Instituto Santa Teresa e, depois, em as Faculdades Integradas Teresa D'Ávila que, até os dias atuais, ultrapassam a educação das salas de aula e transformam os ambientes educativos em importante centro de pesquisa e cultura, para as comunidades do Vale do Paraíba, Sul de Minas e Fluminense.

## Contribuições para a literatura

É impossível começar a escrever sobre a Professora Olga de Sá, sem citar as contribuições para a crítica literária e os trabalhos elucidativos sobre a obra de Clarice Lispector. Como ela mesmo diz, na introdução de *A escritura de Clarice Lispector*, a preferência pela autora de “Perto do coração selvagem” dá-se por escolha e convivência há muito cultivada com sua obra, à medida que ia sendo publicada, (Sá, 1979, p.19). O livro, fruto da dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Haroldo de Campos – 1979, pela PUC – São Paulo, que ganhou o prêmio Nacional de Brasília em Ensaio e Crítica, revela, de forma íntima, como Olga de Sá envereda pela obra clariceana, tratando, amiúde, aspectos singulares, até então pouco discutidos, como as percepções de Hans Robert Jauss sobre a teoria da “estética da recepção”, ainda pouco discutida no Brasil, na década de 70.

Além disso, Olga discute a crítica literária a partir da década de 40, contestando alguns posicionamentos, como os do crítico Álvaro Lins, num artigo publicado em fevereiro de 1944, quando ele diz que faltam a Clarice características romanescas, que o romance não estava realizado, “de que estava incompleto e inacabada a sua estrutura como veia de ficção (apud, Sá, 1979, p.35).

Impulsionada pelo trabalho em *A escritura de Clarice Lispector*, pouco adiante, a Professora Olga de Sá inicia os estudos do doutorado, e, em 1984, defende sua tese com o título *Clarice Lispector: a travessia do oposto*, lançado pela editora Annablum e vencedor do prêmio Melhor Ensaio de 1993 - União Brasileira dos Escritores e Associação Paulista de Críticos de Arte.

Olga de Sá discorre sobre o universo paródico presente na obra de Clarice, a partir dos estudos de Linda Hutcheon – *Uma teoria da paródia* - (1985), e de Cláudio Abastado - *La situation de la parodie*. O livro, dividido em cinco partes e um anexo, com a presença de personagens mitológicos parodiados, assim como diálogos bíblicos, apresentando o universo clariceano em cinco obras – *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H*, *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres* e *Um sopro de Vida*.

O trabalho desenvolvido pela ensaísta analisa, entre outros temas, o universo estilístico, comparando-o com autores de outras épocas, além de abranger um amplo espectro da obra de Clarice, ao abordar o tema da reversão paródica aplicado a cada uma dessas obras, uma vez que levanta diálogos com textos anteriores com a crítica e, principalmente, com outros

textos da autora. Os romances de Clarice dialogam entre si, levando-nos a concluir que ela realizou, às vezes, nos traços de suas personagens, a paródia de si mesma. (apud, Cintra, 2002).

Embora não seja nascida no Vale do Paraíba, Olga de Sá sempre se preocupou com a cultura da região, dedicando-se tempo e interesse. Seja nas pesquisas ou nos poemas, cantou e contou-nos histórias de personagens pouco conhecidos, mas que levaram a riqueza cultural além das nossas serras, no rol dos grandes personagens valeparaibanos.

O fruto deste amor pela região foi transposto num dos trabalhos mais significativos da autora. Lançado em 2008, pelo Centro Cultural Teresa D'Ávila – CCTA, e, posteriormente, em 2010 pela Revista Brazilian Cultural Studies, intitulado Vale do Paraíba: Cultura e Arte, o livro conta com a introdução – Panorama da Literatura Valeparaibana – conferenciada em 1995, em Campo do Jordão, pelo historiador e amigo Prof. José Luiz Pasin, falecido em 2008.

Logo no primeiro capítulo, resgata, a partir da Vila de São Francisco de Taubaté, nos meados de século XVII, o início do povoamento do Vale do Paraíba pelos sertanistas que saem em busca de metais preciosos e índios; passa pelos tempos áureos da cana-de-açúcar e, no século XIX, foca o período em que o Vale tornou-se a principal região da província de São Paulo, em consequência da construção da malha ferroviária e do declínio da navegação do rio Paraíba, colocando fim às balsas e lanchas a vapor, chegando à industrialização mais recente, (apud, Sá, 1998).

O avanço econômico e político projeta o Vale no meio cultural. Começamos, aqui, o caminho destacado no livro pela ensaísta. Além do panorâmico histórico, o livro destaca grandes nomes como Monteiro Lobato, Eugênia Sereno, Cassiano Ricardo, Ruth Guimarães, Euclides da Cunha, Péricles Eugênio de Silva Ramos e diversos outros escritores da região, com suas histórias e contribuições para a cultura e divulgação do Vale.

Alguns autores são resgatados, pela obra. Embora de grande importância, muitos deles permaneciam no anonimato para a maioria dos valeparaibanos, como Alves Motta Sobrinho, de Guaratinguetá, que escreveu “Província”, livro de contos, elogiado por grandes escritores como Menotti del Picchia e Sérgio Millet. Segundo Brito Broca, é obra de “resistência provinciana contra a standardização alarmante de usos e costumes”, resultado da modernização das grandes metrópoles (apud, Sá, 1998).

Outro artista resgatado foi o engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, conhecido como Juó Bananére, de Pindamonhangaba. O

ensaio sobre este artista, com o título de “Bananeiro, Barbeiro e Jornalista”, mostra a irreverência daquele que pode ser considerado o precursor da paródia moderna. Embora sem reconhecimento nacional, dono de peculiar mistura da língua caipira, paulista e italiana, Bananére teve comentários de Décio Pignatari, Antônio de Alcântara Machado e Oswald de Andrade, por influenciar personagens e ser dono de um tom satírico e estilo humorístico.

Olga de Sá mostra que, além de pesquisadora, possui a veia artística dos grandes poetas, aliciando-nos com poemas como a saga do Rio Paraíba. Na primeira parte, Epos heroísmo, a autora nos conta sobre a vida entrelaçada às margens sinuosas do rio, desde a nascente na serra da Bocaina, a confluência do Paraitinga e Paraibuna, até a foz, no mar fluminense, passando pela terras de Minas Gerais. São contemplados a fauna e a flora, os índios, as grandes fazendas, as “vilas-cidades”, o progresso e a religiosidade, e, na última parte do poema, Thanatos, Morte, o lamento do rio do milagre dos peixes, que, agora, envolto na mortalha do progresso, pergunta: Paraibuna! Piraitinga! Ressurgirei, onde nasci? (Sá, , 1998, p. 83).

Ainda ressaltando o lado poético, em 2005, Olga de Sá lança, pelo Centro Cultural Teresa D’Ávila, o Livro Coisas Caladas que tem a apresentação da poeta e professora Beatriz Helena Ramos Amaral, que assim começa a definir a obra:

“Entre as frestas iluminadas por um delicado olhar poético-reflexivo, na confluência das trilhas híbridas de sua fértil e rica experiência intelectual nas esferas da Literatura, da Filosofia, da Psicologia e da Teologia, Olga de Sá tece esta poética singular, percorrendo a densidade de instâncias há muito alinhavadas na memória: das coisas que não se calam, embora, paradoxalmente, às vezes, pareçam caladas. Seu instrumento, aqui, é o olhar que pousa, leve, sobre paisagens, pessoas e fatos, e sobre o qual se pode lembrar a afirmação oswaldiana: ‘poesia é descoberta das coisas que eu nunca vi’” (Sá, 2005, p.5).

A autora que teorizou o conceito de Epifania na obra de Clarice Lispector recolhe toda a bagagem e desliza sobre as próprias epifanias, neste livro, que, embora se chame Coisas Caladas, como a autora, muitas vezes, se diz tímida e despretensiosa com a própria obra, consegue sobrepôr à poética vários “eus”, com imagens futuristas, como no poema “Eletrônica” (Sá, 2005, p. 35)

“monstro de fauces, de faces, de garras,  
de patas eletrônicas, cibernéticas, tísicas,  
despencando sobre as grandes cidades,  
os pequenos quartos, as estações rodoviárias”

A ternura poética desnuda-se em *Simbólica*, p. 48, na ínfima presença de uma flor, a imagem cotidiana da vida agitada, pontuando dialeticamente a vida, a morte e a angústia, causa do invisível que não nos permite, nos dias acelerados, observar a beleza efêmera e profunda das pequenas íntimas vivências, como assim define a autora, no primeiro capítulo da obra:

“Descuidadamente, esbarrei numa flor.  
Ela cedeu na haste, morta e triste.  
Eu levei comigo uma tal angústia,  
por ter corrompido a transparência do dia,”

Em momentos da ansiedade e questões existenciais, como em “Rosto de César – “construirás um quarto sem paredes, onde confinarás a vida”, p. 22, e “loucura – o que corrói por dentro pode ser a doença”, p. 23, Olga de Sá perpassa o escrever poético, dialogando com o leitor sobre divagações próprias tiradas do divã íntimo de cada leitor.

Não obstante às questões existenciais, a autora percorre os caminhos da fé, alinhavando, no capítulo *Crenças*, a confiança em Deus e a fragilidade humana diante das adversidades, tocando questionamentos sobre o divino e o humano, posto na práxis cotidiana. Apresenta o soneto “Contemplação”, dedicado a Santa Teresa D’Ávila, uma das inspirações da autora. No mesmo capítulo, a autora, em versos à casa da Mãe Aparecida, traz, novamente, à memória a história do milagre das águas, em *Peregrina* imagem, p. 111, e no poema “1908-1988”, p.112, a consagração da Basílica Velha sob o título de Basílica Menor.

Além de historiógrafa, Olga caminha pela passarela como peregrina e deposita aos pés da imagem milagrosa as suas próprias imagens dos homens, mulheres e crianças que caminham muitas léguas, para chegar a Aparecida, definindo muito bem, como pintura, as graças e as lamúrias, no poema-oração *Poema da Mãe Cabocla* – p. 109. Com tom confessional, de quem descobre o amor repartido e unísono da mãe pelos filhos, entrega-se aos cuidados em comunhão com as irmãs e irmãos peregrinos, como os pescadores, em busca do milagre do conforto e da esperança, rezando:

“Compreendi porque não tens o Menino,  
e porque, sendo Mãe, não O trazes nos braços,  
pois há tantos meninos, minha Nossa Senhora,  
há tantos chorando, dentro e fora,  
de tua Casa!  
Se tivesses o Menino sadio no colo,  
terias certamente que o descer ao chão  
para apertar junto ao teu coração  
a criança chorosa e doente,

que enche tua igreja de dor inocente  
quase todos os dias.”

A dicotomia acadêmica e religiosa, humana e transcendente, frutos das experiências e estudos da autora, é transposta na obra em intertextualidades. A liturgia das horas é reescrita no Livro de Horas de Sórora Solitude, um diálogo entre a rotina e a obrigação, desvelando Sísifo em cada um de nós, e a oblação a Deus, como um gesto de súplica, ao arar a terra, e agradecimento pelos frutos sazonados ao final da colheita, a partir das Vigílias (madrugada), até as (completas – noite).

Em *As Bem-Aventuranças*, Olga de Sá colhe a dicotomia entre um “Sermão” revisitado, focando o ônus da desigualdade e reportando a nós, responsáveis como parte desta grande marcha, as esperanças do povo, que caminha pelo deserto, em busca de uma terra onde jorrem a justiça e a igualdade.

As “Coisas Caladas” caminham por outros gêneros, como Haicais; além de trazer à memória 11 de setembro, o Vale do Paraíba, homenageando a mulher, como trabalhadora, mãe e artista.

### **Contribuições para o desenvolvimento social e cultural**

Entendemos como obra, não só as contribuições para a literatura, mas todos os projetos culturais e acadêmicos idealizados e concretizados por Olga de Sá, que, de certa forma, contribuem para o enriquecimento de estudos e proporcionam atividades, que alimentam o arcabouço cultural de alunos, professores e da população valeparaibana.

Um dos trabalhos idealizados por Olga de Sá e que merece destaque pelas contribuições, principalmente no viés literário, cultural e científico, são as revistas *Janus* e *Ângulo*, com o fim de promover os estudos científicos e a cultura valeparaibana. *Ângulo*, nasceu em 1978, uma sobrevivente, que comemorará seu 35º aniversário, neste ano. No editorial de lançamento da revista, a idealizadora lança a questão – “*Ângulo* será (...) uma dessas revistas de pouco fôlego e morte repentina? Sem nenhuma repercussão? Não sabemos. Queremos a vida”. (Sá, 1978, certidão de nascimento)

Em comemoração ao número 100, em 2005, Olga de Sá ressaltava as dificuldades em manter o periódico, sem ajuda e patrocínio, e, muitas vezes, com a falta de colaboradores, como verdadeiro caminhar pelos leitos secos, mancando muitas vezes, mas, sempre, conseguindo findar a jornada. Olga de Sá compara o periódico a um filho que traz no ventre, um eterno devir, que encontrou, na fertilidade e na teimosia da genitora, forças

para se renovar e chegar ao número 132, mais maduro, com artigos mais expressivos e, com o advento da tecnologia, modernizando-se, com novas capas e diagramação.

A revista é fonte de muitas pesquisas, na área das ciências humanas e exatas, sendo espaço democrático para publicações de artigos e ensaios de docentes de todo o Brasil e do exterior, como também do corpo discente, quando são artigos de qualidade.

Além dos periódicos, a educadora gestou outros sonhos que deram muitos frutos. Convém citarmos a importância da Biblioteca Conde de Moreira Lima, situada nas dependências da FATEA, que, em 2005, ganhou novo espaço, para acomodar os mais 70.000 títulos disponíveis para consultas dos funcionários, alunos, professores e da comunidade de Lorena, estendendo-se a todo Vale.

O vanguardismo e a história fazem do espaço um lugar único. Além do acervo que pode ser consultado via web, das obras digitais e de um sistema de consulta interno com vários computadores, sempre há exposições, colocando à disposição o acervo de obras raras e homenageando grandes nomes da literatura e de outras áreas do conhecimento.

Em 2012, depois de muitos anos, Olga de Sá consegue junto à Prefeitura Municipal de Lorena, em forma de comodato, por 20 anos, o empréstimo do acervo do poeta Lorenense Péricles Eugênio da Silva Ramos, que conta com mais de 4.000 títulos, alguns autografados por grandes escritores da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, além de traduções da obra de William Shakespeare.

Suas obras confirmam a filosofia Salesiana, de que o sonho não é algo a ser só lembrado, mas realizado na práxis, conhecendo e investigando o espaço da atuação e procurando ações que sejam transformadoras para a sociedade. Assim, abrimos um pequeno espaço para direcionar nosso olhar à filantropia e a inquietação da Irmã Olga de Sá com grande parte da população que vive à margem da sociedade.

A preocupação com a comunidade local faz com que, em 2004, Olga de Sá contribuisse para transformar o antigo "Oratório Santa Teresa" no Centro Social - Educacional Maria Rita Périlier – CEMARI, que, com base na filosofia salesiana de Dom Bosco e Madre Mazzarello, realiza projetos educacionais e oferece cursos de capacitação para jovens e adultos, celebrando, ao longo destes anos, até 2012, perto de 400 atendimentos mensais que buscam minimizar os altos índices de violência, envolvimento

com drogas, evasão escolar, desestruturação familiar e falta de perspectiva de vida, em que se encontra grande número de jovens e crianças, além de formação profissional para o mercado de trabalho.

Além do atendimento à comunidade lorenense, o espaço abriu as portas para formação de alunos da FATEA e Instituto Santa Teresa, promovendo, por meio de atividades culturais e esportivas, o estágio e a extensão universitária e o contato mais próximo do acadêmico com o social, proporcionando aos jovens atendidos a possibilidade de apoio profissional e humano.

Amante da modernidade, os projetos antigos se inovam em processo dialético, buscando a adaptação à temporalidade e aos novos olhares. Talvez, por isso, criados há muitos anos, ainda sobrevivam, como é o caso do “Cineclube de Lorena”, criado em 1964, com o objetivo inicial de divulgar a sétima arte e dar suporte aos alunos da FATEA.

Tendo como espaço os antigos cinemas da cidade (Cine Rex e, depois, Nosso Cinema), aos poucos o Cineclube foi deixando de ser somente para os alunos e se estendeu à comunidade local, sendo considerado serviço de utilidade pública pela Prefeitura de Lorena. Posteriormente, a consideração pelo trabalho desenvolvido o torna personalidade jurídica, em 1980; é reconhecido pela Embrafilme, em 1982, ganhando reconhecimento no Município como importante espaço cultural; e, nos anos 1990, acomoda-se nos ambientes privilegiados da FATEA. Hoje, é o único cinema da comunidade de Lorena. As seções são semanais e abertas ao público, e, ao final de cada exibição, a coordenação da Prof<sup>a</sup> Olga Arantes abre espaço para debates.

O dinamismo da educadora Olga de Sá faz, apoiando as iniciativas do Cine-Clube com que os projetos sobrevivam às dificuldades e ao tempo e se tornem ventre fértil para novas ideias. Assim surge a Semana da criança, que há mais de uma década é aberta à rede pública e particular de escolas, e permite, pela primeira vez, que muitas delas assistam às exibições em um espaço diferenciado. Outro projeto importante, do qual participa, é o Festival de Cinema Amador – CineFest/Lorena – Prêmio Gato Preto, que caminha para a 9<sup>a</sup> edição e premia trabalhos como: animações, minicurtas, curtas e documentários, produzidos por amadores, profissionais, alunos e comunidade. À frente, o idealismo da Prof<sup>a</sup>. Olga Arantes.

Outro projeto voltado à educação, principalmente às crianças e adolescentes que, a cada dois anos, vem reunindo as escolas salesianas de Guaratinguetá, Lorena e São José dos Campos é a Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar – com objetivo de integrar os estudantes e

levá-los ao pensamento crítico, a partir de temas pertinentes à contemporaneidade, previamente preparados e discutidos pela direção das escolas e apresentados durante o ano pelos professores e alunos por meio de dinâmicas, pesquisas, exposições locais de filmes, teatros e debates, culminando com o Encontro Regional das escolas.

No ano de 2012 foi realizado o quarto encontro, que teve como mote, a comemoração dos cem anos do nascimento de Amácio Mazzaroppi e a exibição do filme "O noivo da Girafa". Particularmente neste último encontro, a construção de um jovem questionador, uma das questões mais pontuadas pela Irmã Olga de Sá, faz-se fecundo na práxis dos encontros passados que proporcionou o contato mais próximo dos pais, fazendo com que a idéia inicial de se criar um jovem crítico perpassasse as fronteiras das escolas e trouxesse para o centro dos debates, a família dos educandos.

Com inquietude ante a sociedade que exige, cada vez mais, profissionais concatenados com as novas tecnologias e saberes, Olga de Sá, com o perfil de educadora atenta às necessidades, apoia em 2007, para os alunos e comunidades da macrorregião do Vale do Paraíba, Sul de Minas e Fluminense, o Congresso Integrado do Conhecimento, com o objetivo de dialogar com outras universidades, circulando o conhecimento e a cultura entre os educadores e alunos, pois são ferramentas que não podem ser compartimentadas e fragmentadas em uma época de fluidez e provisoriedade,

O evento que já contou com a participação de cerca de 4.000 alunos e educadores, caminha para a sua quarta edição, ampliando, neste ano, o âmbito regional e enveredando-se, em 2013, para sua edição internacional. O conhecimento não pode ser estático e permanecer fragmentado, pois precisa constituir-se mola mestra de transformação, buscando levar novos caminhos educacionais e tecnológicos aos participantes, além de ser espaço para divulgação da cultura local.

Vigilante às necessidades do corpo docente e discente e às implantações tecnológicas na área da educação, cria-se a Fundação Olga de Sá, de direito privado, de natureza beneficente e sem fins econômicos lucrativos, com a finalidade de desenvolver ou apoiar projetos e atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária da FATEA, além de desenvolver ações de caráter educativo, beneficente e assistencial, como bolsas para alunos, ações para difundir a cultura, a conscientização pública e a responsabilidade social.

A Fundação tem como cerne o apoio ao educando e, procura por meio de parcerias e convênios, vieses para auxiliar financeiramente o pro-

cesso da formação acadêmica. No entanto, a criação da Fundação possibilitou à FATEA pleitear a concessão de uma rádio, que em 2013 fez seu primeiro aniversário e a serviço da comunidade e dos educando, celebrada pelo nome de INOVA – FM, foi pleiteada pela FATEA durante dez anos ao Ministério das Comunicações.

Fiel aos ideais professados há mais de sessenta anos, Olga de Sá continua acreditando que a educação associada à inovação é a ferramenta transformadora da sociedade.

### **Que cada ponto seja um ato de amor a Deus**

Desde já, cabe-nos neste último momento lembrar que a vida de oração Salesiana tem o seu cerne na tricotomia: religião, razão e amorevollezza – a qual se traduz em amor demonstrado - principalmente agregando a educação e a fé como ferramentas libertadoras sociais.

Neste momento, acresce-se pontuar que a vocação da Ir. Olga de Sá, engendrada na solidez do carisma vocacional perpetuado há mais de cinquenta anos, além de ser construída a partir do sonhar profético de São João Bosco e Santa Madre Domingas Mazzarello, fundadores da família Salesiana, e da convivência cotidiana com os educandos e educadores, alicerça-se na comunhão diária com a palavra de Deus e no aprofundamento acadêmico de grandes colaboradores para a fé cristã.

Concomitantemente à formação religiosa e acadêmica, Ir Olga de Sá estabelece laços íntimos com Santa Teresa D'Ávila, Monja Carmelita que revolucionou o pensamento cristão a partir do século XVI. Aprofundando-se nos estudos, a admiração pela ação da Santa como formadora e exemplo de vida, leva a opção de conhecer como Teresa D'Ávila, estudando minuciosamente a vida e obra da Doutora da Igreja.

Destarte, Ir. Olga de Sá repropõe o renascimento do grupo de estudos de Teresa D'Ávila, celebrado a cinco de dezembro de 2011, tendo como mote para os aprofundamentos, o Livro da Vida, de autoria da própria Santa Teresa e, conseqüentemente, “estudando sua obra, os exemplos de vida e a sua história pessoal, buscar o caminho de experiência para a espiritualidade que nos leva ao pleno encontro com Deus”,

Ir. Olga se projeta em mais uma ação, agora não só educativa na linha da pesquisa literária - acadêmica, mas como um grupo de estudo que visa ao aprofundamento, à reflexão e à socialização da vida desta grande mediadora da presença ativa de Deus, como fonte de pesquisa para trabalhos que possam transformar-se em práxis na vida daqueles que passam

pela casa Salesiana, cuja patrona é a própria Santa Teresa.

O caminhar pela vida teresiana levou o grupo, composto por docentes e outras pessoas interessadas do Vale do Paraíba, a enveredar-se no campo da teologia, da filosofia e da história, alicerçando as pesquisas nas relações com outros nomes, como Santa Maria Madalena, São Jerônimo, Santo Agostinho, o místico Pedro de Ossuna, Pedro de Alcântara, a iconografia e as fundações de Teresa em terra espanhola.

Encerramos nossa peregrinação pelos caminhos percorridos por Olga de Sá que, ora um Dom Quixote; ora uma Penélope, tece arditamente entre os moinhos de vento as teias da educação e da cultura, neste “sertão que mais parece um mundão”.

## REFERÊNCIAS

SA, Olga de. **Arte e Cultura no Vale do Paraíba-LITERATURA**. Lorena: Grafica e Editora Santa Teresa, 1998. v. 1. 157p

\_\_\_\_\_. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. 3. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2003. v. 1. 272p .

\_\_\_\_\_. **Coisas Caladas**. CCTA, 2005. 148p .

\_\_\_\_\_. **A escritura de Clarice Lispector**. 2ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979. 280p.

## INTERNET

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4763868E0>

<http://escritorasdovaladoparaiba.blogspot.com.br/2012/01/olga-de-sa.html> - acesso 15/04/2013

<http://www.jornalolince.com.br/2010/ago/pages/letras-olga.php>, acesso 22/03/2013